

SOCIOLOGIA

M

1987

BH/UFG

X IDENTIDADE FEMININA: EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÕES

X SANDRA MARIA ALENCAR FONTELES

(MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM CIÊNCIAS SOCIAIS).

B S C H

X FORTALEZA, AGOSTO DE 1987

AGRADECIMENTOS:

- À PRO.^A ZAIRA ARY, ORIENTADORA HONORÁRIA, QUE ME INSTIGOU À PESQUISA;
- À PROF.^A TEREZINHA ALENCAR CUNHA QUE, COM BOA VONTADE, ME ACEITOU COMO ORIENTANDA;
- ÀS CO-ORIENTADORAS, PROF.^{AS} ISOLDA CASTELO BRANCO BEZERRA DE MENEZES E IRLYS FIRMO BARREIRA, ESTA MUITO ESPECIALMENTE, PELO ACOLHIMENTO E INCENTIVO;
- PELO APOIO (MATERIAL, TÉCNICO E EMOCIONAL), A ANA CÉLIA, LEOVIGILDA, CALVET, MARTA AURÉLIA, TADEU, LÍLIA E LUANA;
- E, DE TODO CORAÇÃO, AS DEZ MULHERES QUE ME PERMITIRAM À INVASÃO DE SUAS VIDAS.

COMO UM FILHO, FOI POR MIM GERADA, MAS
NÃO ME PERTENCE; AGORA É DO MUNDO.

AGOSTO DE 1987

ÍNDICE

	PÁGINA
INTRODUÇÃO	1
1 - A CONSTRUÇÃO DO OBJETO	2
2 - IDENTIDADE: ELO PERDIDO?	12
3 - A EXPERIÊNCIA VIVIDA	21
4 - REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE	34
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 - BIBLIOGRAFIA	43
A N E X O S:	
I - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	47
II- QUADRO DAS INFORMANTES	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende abordar a questão da identi
dade feminina, levando em consideração a experiência vivida
e as representações elaboradas sobre ela. Para isso, recons
tituímos histórias de vida de dez mulheres do meio universi
tário.

O tema revelou-se por demais complexo e cuja discus
são nos meios acadêmicos apenas começou.

No Capítulo 1, faremos um relato sobre a trajetória
da pesquisa, as principais dificuldades enfrentadas, a deli
mitação do tema, a abordagem metodológica e o corte empíri
co. Colocaremos as questões iniciais que nos ajudarem na ela
boração do roteiro de entrevistas e os objetivos da pesqui
sa.

No Capítulo 2, faremos uma revisão da literatura so
bre Identidade, com um breve comentário sobre a noção de na
tureza humana. Explicitaremos a definição de identidade de
gênero e discutiremos algumas questões pertinentes ao assun
to.

No terceiro capítulo, analisando dados da pesquisa,
discutiremos temas como socialização, sexualidade e traba
lho, a partir da experiência de vida das mulheres entrevista
das.

No último capítulo, discutiremos as imagens de mu
lhre e as representações sobre sexualidade, família e ma
ternidade contidas nos discursos das informantes.

1 - A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

"Quanto a mim, aqui estou diante dos problemas éticos e políticos de um pesquisador, (...) Tomo suas entrevistas como um texto que me facilita o distanciamento. Debruço-me sobre a 'troca de idéias' fixada no meu diário de campo para arrancar seus sentidos, sua polifonia, que, por algum motivo, temo reduzir ou empobrecer. Penso sobre eles em seu lugar".

(Alba Zaluar)¹

A trajetória de elaboração deste trabalho foi longa e atribulada, cheia de percalços e algumas interrupções.

A preocupação com o modelo vigente de homem e de mulher, com sua rígida atribuição de papéis sociais baseada na diferenciação sexual, foi o ponto de partida. Esta mera inquietação passou a se constituir em objeto de estudo quando a observação da realidade tornou-se mais sistemática e iniciamos as primeiras leituras específicas sobre o assunto, que ajudaram, pouco a pouco, a clarear as idéias e abrir as diversas possibilidades de investigação.

Tão vasta quanto o próprio universo, a "questão dos gêneros" apresentava mil variações e muitas trilhas a serem seguidas. Para que o objeto de estudo pudesse adquirir alguma consistência e concretude que viabilizassem o seu tratamento, necessário se fazia especificar melhor o que queríamos estudar.

¹ Alba Zaluar, O Antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. In: A máquina e a revolta, São Paulo, Brasiliense, 1985, p.31-32.

Em geral, todo pesquisador (em especial o das Ciências Sociais) apresenta, no início de sua investigação, certa dificuldade em precisar o tema e o universo que deseja abordar. Começa, quase que invariavelmente, por refletir sobre a configuração da Via Láctea para, em seguida, se deter no estudo do Planeta Terra.

Da ampla problemática dos gêneros, focamos nossa *objetiva* na temática da *identidade feminina*, que nos tocava ainda mais de perto. Tudo ficou um pouco mais fácil e, por outro lado, infinitamente mais difícil.

Saber exatamente o que queremos abordar evita nos dispersarmos em leituras vãs, mas nos força a aprofundar a investigação, quando, então, deparamos com dificuldades, tais como, uma maior complexidade do problema, difícil acesso às fontes de informação e escassez de material bibliográfico.

A própria definição do tema *identidade feminina* se constituiu no primeiro grande impasse teórico-metodológico. Dele só havia nosso anseio por entender o processo pelo qual a fêmea da espécie humana é programada para se comportar de maneira adequada à prescrita pelo modelo vigente de mulher. Inconsistente demais para um objeto de estudo.

A partir daí, vários problemas se nos apresentaram:

1. Qual era especificamente o tema de nossa pesquisa e que aspectos dele desejávamos estudar;
2. Em que referencial teórico buscar apoio ao estudo de nosso objeto;
3. Qual a metodologia mais adequada ao tema e à abordagem teórica escolhida;
4. Em que dimensão do real poderíamos verificar nossas questões, isto é, que recorte empírico fazer (universo e amostra);
5. Dentro da metodologia, que técnicas escolher que melhor se adaptassem ao tema e ao universo focalizados;

6. Que critérios utilizar na triagem da bibliografia.

Algumas questões pendentes foram úteis no sentido de se tentar uma maior clareza e demarcação do tema a ser investigado:

- O que é exclusivo do domínio da Natureza e o que cabe em particular ao âmbito da Cultura?

- Existem padrões fixos, universais e absolutos de masculinidade e feminilidade?

- Fatores biológicos *condicionam* a diferenciação social entre os sexos e a divisão sexual do trabalho? Em caso afirmativo, esse condicionamento é suficiente para selar o "destino" de homens e mulheres?

- O que constitui a identidade social de uma pessoa?

- Existe uma "identidade feminina"?

- Como as mulheres vêem a si mesmas enquanto mulheres? E como elas vêem os homens?

Com o amadurecimento das leituras e das conversas com várias pessoas, tivemos uma maior clareza do tema que queríamos desenvolver. Nossa real preocupação era, utilizando como ponto de partida a pergunta "*o que é ser mulher?*", tentar compreender o processo de construção da identidade socio-sexual da mulher. Partindo-se do pressuposto de que *apenas se nasce biologicamente macho e fêmea, mas aprende-se socialmente a desempenhar os papéis concernentes a determinados modelos de ser masculino e ser feminino*, tentava-se procurar entender como são construídos esses modelos. Mais especificamente, desejava-se compreender o que significa *ser mulher* em nossa sociedade, a partir da reconstituição da biografia de algumas mulheres, com base em sua *experiência* de vida e em suas *representações* (imagens de si mesmas, dos

outros e da realidade social que as cerca).²

Tendo isso claro, o passo seguinte seria escolher a abordagem teórico-metodológica mais adequada.

Um dilema que nos assaltou logo no início da pesquisa foi a respeito da área do conhecimento em que ela estaria inserida, se na Sociologia, na Antropologia ou na Psicologia Social. Em verdade, não era matéria exclusiva de nenhuma dessas três áreas, mas acabava sendo um tema interdisciplinar, tudo dependendo do tratamento a ser dado.

Pela própria natureza do tema e pelo que dele que ríamos saber era mais conveniente a abordagem antropológica, já que o que nos interessava era analisar o discurso dos informantes, tentando extrair suas representações acerca da própria realidade. O tema envolvia aspectos microssociais da realidade ligados à esfera da Cultura, como experiência de vida, representações e imaginário.

Não obstante, essa não foi uma escolha simplesmente técnica. A esse respeito, QUIROGA comenta:

"A escolha do encaminhamento metodológico a ser dado à pesquisa não é apenas uma opção de caráter meramente instrumental e técnico. A rigor, ela envolve toda uma série de questões e aspectos nos quais intervêm a própria perspectiva teórica e epistemológica do agente que se propõe ao contato com a realidade a ser pesquisada".³

² *Identidade, Experiência e Representações* são os principais conceitos com os quais trabalharemos, a serem explicitados nos capítulos subsequentes.

³ Ana Maria Quiroga, *A família operária e a reprodução da força de trabalho*, Petrópolis, Vozes, 1982, p. 22.

Em virtude disso, optamos por fazer estudo de caso, que daria oportunidade de aprofundar nossas questões, concentrando-nos mais na análise do discurso das informantes, o que não seria possível caso optássemos por uma amostra de grandes proporções.

Surge, então, a questão da representatividade, isto é, da legitimidade das generalizações feitas a partir de fração tão restrita do universo. No entanto, temos que optar entre duas possibilidades: a) uma grande representatividade, com maior variedade de dados, porém mais superficiais; b) menor representatividade, redução das variáveis com as quais trabalhar, mas possibilidade de aprofundar a análise de alguns poucos aspectos.

Na realidade, não é mais ou menos científico trabalhar com pequenas ou grandes amostras: o critério de cientificidade não é dado pelo tamanho da amostra. Segundo CASTRO, "... mesmo no estudo de caso, o interesse primeiro não é pelo caso em si mas pelo que ele sugere a respeito do todo".⁴

Deveríamos, a seguir, delimitar os cortes a serem feitos no real, que nos possibilitassem investigar o tema explicitado. Isso exigia estabelecer critérios e fazer opções. Foi necessário um processo gradativo de afunilamento até que o universo ficasse do tamanho de uma monografia, respeitando nossas possibilidades de tempo e nossas condições em termos de preparo intelectual e teórico.

De início, se nos apresentou a alternativa de colher depoimentos de mulheres faveladas. Tal estudo, além de propiciar a investigação de nosso tema específico, ofereceria ainda a perspectiva da opressão de classe.

⁴ Cláudio de Moura Castro, A Prática da Pesquisa, São Paulo, McGraw-Hill, 1978, p. 88.

Entretanto, quando de um exame mais cuidadoso e sincero de nossos interesses e preocupações, decidimos eleger como universo a ser pesquisado o das mulheres do meio universitário, isto é, mulheres de classe média em sua maioria e com grau de instrução superior.

Supomos que a condição de classe interfere nos padrões de comportamento sexual, na vivência dos vários eventos biológicos que marcam a vida de uma mulher e nas representações sobre a realidade social e sobre a própria identidade. Embora, afirma MURARO em "Sexualidade da Mulher Brasileira", "cada caso seja um caso, nenhuma história de vida se repita, elas todas estão perpassadas por traços comuns à sua classe".⁵

Segundo ainda MURARO, são as classes médias modernas que apresentam uma maior simetria entre homens e mulheres e onde começa a se romper o modelo tradicional de mulher na cabeça dos homens.

A opção pela classe média se deu porque, em seu interior, especificamente no meio universitário, teríamos mais possibilidades de encontrar pessoas com preparo intelectual e abertura para a discussão de algumas questões que gostaríamos de levantar. Além disso, havia uma curiosidade pessoal em estudar esse setor da sociedade.

Entrevistamos um total de doze mulheres, sete estudantes e cinco professoras da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, de oito cursos diferentes (dos vários Centros), dentre as quais seis solteiras, cinco casadas e uma desposada, mas apenas três com filhos, e suas idades variando entre dezenove e quarenta e seis anos (ver Anexo VI).

⁵ Rose Marie Muraro, Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1983, p. 323.

As duas primeiras entrevistas, feitas com estudantes em setembro de 1986, são consideradas pré-testes, pois nos ajudaram na elaboração e aperfeiçoamento do roteiro de entrevistas. Por isso, não utilizaremos o discurso dessas informantes no decorrer do trabalho, mas somente das dez outras, cujas conversas gravadas aconteceram entre 17.10.86 e 01.01.87.

Como o número escolhido era muito pequeno (cinco professoras e cinco estudantes), comparado com a amplitude da Universidade, teríamos que estabelecer critérios a partir dos quais selecionar as informantes. Porém, tanto o tema quanto a abordagem já determinavam um critério, pois exigiam que entre nós e a pessoa entrevistada houvesse, pelo menos, uma razoável empatia e um certo nível de confiança, tendo em vista que seriam abordados assuntos bastante íntimos, tais como menarca, primeira relação sexual, prazer, aborto, menopausa, etc. (ver Anexo I).

Diante das dificuldades, resolvemos simplificar o processo de escolha da amostra, recorrendo a pessoas conhecidas, a suas amigas, ou ainda a outras mulheres indicadas por aquelas que já tivessem sido entrevistadas, tendo cuidado de não incluir pessoas com quem mantivéssemos um vínculo muito próximo. Ao final, as informantes, em conjunto, fazem parte de um meio social comum, conhecem-se diretamente ou têm qualquer relação indireta, mesmo que remota.

Fazer parte do universo social pesquisado traz algumas implicações. O conteúdo das conversas-entrevistas é comum ao cotidiano do pesquisador e de seus informantes. Não são o conteúdo, em termos históricos e existenciais, mas a própria linguagem é a mesma.

Se, por um lado, perde-se em distanciamento, em "objetividade", ganha-se em auto-reflexão. A pesquisa torna-se um momento privilegiado de reflexão do pesquisador sobre sua própria realidade, sua condição de classe e seus valores.

Aparece explicitamente em cena um dado que costuma ser escondido e renegado enfaticamente, embora esteja sempre presente em toda investigação, em especial na área das Ciências Humanas: a subjetividade do pesquisador.

Como tão bem se referiu a essa mesma questão, Gilberto VELHO:

"... deveria tentar não escamotear sua 'interferência' [da subjetividade] mas aprender a lidar com ela. Assim permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções, crenças".⁶

O trabalho com as entrevistas constituiu um total de trinta horas e meia gravadas, com duração média de duas horas e meia para cada pessoa, levando de uma a três sessões. As conversas aconteciam geralmente em suas casas, mas também se deram em outros locais, como em nossa casa e na própria Universidade, mas geralmente em ambientes tranquilos, onde podíamos ter certa privacidade.

Durante todo período de entrevistas, apesar de um pouco longo e cansativo, tivemos a máxima colaboração das informantes (ã exceção de algumas hesitações iniciais), desde a primeira conversa, onde propúnhamos o trabalho e falávamos dos objetivos da pesquisa, até a última sessão de entrevista. Todas foram muito receptivas e se mostraram interessadas, inclusive nas fases posteriores, como na leitura e apresentação da monografia.

De todas as pessoas abordadas, só uma se recusou a ser entrevistada, excusando-se polidamente e explicando seus motivos, perfeitamente compreendidos por nós.

⁶ Gilberto Velho, Subjetividade e Sociedade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1986, p. 18.

Um dado muito forte no início do trabalho de campo foi a sensação de sermos um pouco responsáveis pelas pessoas entrevistadas, comprometidas com elas, pelo fato de estar entrando em suas vidas (quase obrigação de ter algum laço com elas para justificar a invasão). Com o decorrer do tempo, assumimos com mais naturalidade o papel de pesquisadora e essa sensação foi-se diluindo.

As entrevistas tomaram a forma de histórias de vida, baseadas em um roteiro esquemático, subdividido em tópicos (ver Anexo I):

a) os *dados pessoais*, classificatórios;

b) a *biografia*, em que, em ordem cronológica, é pedido que elas contem sua história, desde a infância, passando ao longo dos ciclos biológicos, até sua vivência ou impressão sobre menopausa e velhice;

c) *trabalho*;

d) *espaço político*;

e) *religião*;

f) *representações da identidade*, momento em que elas falam de suas imagens de homem e de mulher e, no final, comentam sobre a experiência de terem sido entrevistadas.

O que pretendíamos com as entrevistas era saber:

1. O que havia de comum e de diverso na socialização das informantes, face à constatação de que têm origens diferentes, fazem parte de gerações diferentes e têm formação em áreas distintas;

2. De que forma se relacionam a socialização e a experiência de vida posterior de cada uma;

⁷ O termo *origens* se refere à classe social a que pertenciam suas famílias e se procediam de meio rural ou urbano.

3. Quais suas representações de homem e de mulher, e como se vêem enquanto mulheres;

4. Como se representam como seres sociais e como percebem a realidade social;

5. Qual a relação existente entre a experiência vivida e suas representações acerca dessa experiência e do mundo (realidade social);

6. Que utopias elaboraram acerca da liberdade, das relações entre os sexos e do futuro da sociedade.

2 - IDENTIDADE: ELO PERDIDO?

"Em verdade, haverá mulher?"

(Simone de Beauvoir)¹

Percebe-se um mal-estar generalizado, um certo incômodo, que decorre da conscientização dos papéis sexuais e da crescente necessidade, por parte de ambos os sexos, de extrapolar esses papéis e de viver a condição sexual com mais flexibilidade. Isso fica evidenciado nas discussões públicas, acadêmicas ou não, nas conversas informais e na ampla variedade de publicações que tematizam a questão dos gêneros.

Estamos vivendo em nossa sociedade um período histórico muito especial, carregado de profundas transformações no âmbito das relações sociais entre os sexos. Valores antes irrefutáveis, papéis anteriormente inquestionáveis, contidos em modelos relativamente estáveis, estão sendo veementemente questionados a tal ponto que hoje não sabemos exatamente o que é um homem, o que é uma mulher, o que se espera de cada um e que regras regulam suas relações.

Existe, ao mesmo tempo, uma necessidade, tanto de homens quanto de mulheres (mas, com mais premência, destas), de mudanças, de busca do novo, e expectativas (certa ansiedade, até) pelo que vem, o inusitado, o ainda não ousado. Por enquanto, vivemos a difícil transição: o novo, ou mais precisamente a proposta do novo, convivendo com esquemas em decadência.

Dentro dessa discussão, muito se tem falado em *resgate*, em particular no resgate do feminino, da identidade

¹ Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo* - Vol. 1, São Paulo, Círculo do Livro sob licença editorial da Ed. Nova Fronteira, s/d, p. 11.

perdida. Isso pode ter pelo menos duas conotações não exclusivas: por um lado, resgatar pode significar retomar ou recuperar algo perdido em algum ponto da História; por outro, nos dá a idéia de remição, de libertação de um estado opressivo.

Pode-se, inclusive, distorcer o sentido dessa busca, reificando a identidade.²

Precavidos, todavia, desse risco, pode-se levar discussões sérias e até profundas a esse respeito, fundamentadas na atual crise dos modelos estabelecidos para os gêneros.

E o que vem a ser a identidade de uma pessoa e por que, hoje em dia, se busca tanto encontrá-la como se ela tivesse sido perdida?

A discussão acerca da identidade nos remete a uma questão anterior. Antes de se questionar se as categorias homem e mulher são algo de concreto e palpável, e de se analisar o conceito de identidade, é interessante se discutir o que vem a ser a "natureza humana".

Malvina MUSZKAT, em "A Mulher em Busca de Sua Identidade", afirma que a essência da condição humana reside na sua alteridade, ou seja, na relação de cada *Um* com o *Outro*, na reciprocidade das relações entre os indivíduos.

"A idéia de reciprocidade permite resgatar homem e mulher como seres antropológicos, existindo na sua 'alteridade' e cuja realidade interpessoal define a origem e a condição para a percepção de si mesmo. A identificação de si mesmo, que só existe

² "A 'identidade' torna-se às vezes um 'objeto' que alguém possui, ou julga que perdeu e se põe a procurar. Inúmeras fantasias primitivas estão ligadas à identidade e sua objetificação. A busca de 'identidade' tão frequentemente hoje invocada não passa às vezes de um cenário de fantasia". (R.D. Laing, O Eu e os Outros, Petrópolis, Vozes, 1982, p. 82-83).

através do encontro com o outro, se realiza sempre num determinado momento histórico-social entre dois seres na luta pela sua existência".³

Segundo a autora, é preciso recuperar a "essência do princípio feminino" (daí o "resgate"), perdida com o patriarcado, quando as relações sociais entre os sexos teriam perdido esse caráter de reciprocidade, já que nela os valores masculinos predominam, submetendo o princípio feminino. Para ela, o que se deve perseguir como meta não é a igualdade entre os sexos, que "expressam-se como formas distintas de ser-no-mundo". Busca é pela restauração da dignidade e da individualidade do feminino, para que, simétricos (e não iguais), os elementos masculino e feminino possam conviver na plenitude de sua alteridade e na riqueza de suas diferenças.⁴

Ainda com relação à natureza humana, encontramos subsídios na filosofia de MARX, cujo ponto central "é o da existência do homem individual real, que é aquilo que ele faz, e cuja 'natureza' desabrocha e se revela na História".⁵

MARX desenvolveu a noção de "essência do homem" inicialmente nos "Manuscritos Econômicos e Filosóficos" e, posteriormente, em "O Capital". A essência do homem, segundo ele, teria duas dimensões: a "natureza humana em geral", dada, inerente a todo ser humano, comportando os "impulsos constantes ou fixos" (como a fome e o desejo sexual), variando,

³ Malvina Muszkat, "A Mulher em busca de sua identidade", in: Identidade Feminina (Malvina Muszkat e Zelita Seabra), Petrópolis, Vozes, 1985, p. 19-20.

⁴ "Como heróis, lutam pela integridade do Ser, pela sua Identidade. Falar em integridade é falar em solidão, é falar em descomprometimento com as relações simbióticas para a solidão da integridade pessoal. É de nunciar a tendência de fundir-se, indiscriminar-se no outro em nome do amor que na verdade é complementaridade. O problema da solidão é o problema da 'alteridade'". (Idem, p. 40).

⁵ Erich Fromm, Conceito Marxista do Homem, Rio de Janeiro, Zahar, 1983, p. 07.

estes, entretanto, culturalmente na forma e direção; e a "natureza humana modificada" de cada época histórica e de cada cultura, em que se apresentam os "impulsos relativos" que têm sua origem em estruturas sociais específicas.⁶

Seria, então, historicamente que o homem daria concreticidade à sua natureza.⁷

E a realização concreta de sua essência, sua auto-realização se dá pelo trabalho, "ato de auto-criação do homem". Pelo trabalho, o homem se faz homem, transforma-se a si mesmo e constrói sua própria história. Diz MARX: "A natureza dos indivíduos depende, assim, das condições materiais determinantes de sua produção".⁸

O conceito de natureza humana em MARX é tão relativizado, referenciado que é na concretude da realidade social, que está muito distante da mesma expressão largamente utilizada pelo senso comum.

Com efeito, falar de natureza humana, assim como falar da identidade sexual ou social dos indivíduos é fazer referência às condições concretas de sua existência. E assim como não existe natureza humana em abstrato, *é vazia a noção de identidade sem a devida contextualização social, cultural e histórica.*

Essa contextualização da condição humana inclui, além das condições materiais de existência, vários outros aspectos que, juntamente com este, determinam o lugar de uma

⁶ A esse respeito, referem-se Berger e Luckmann: "Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo". (P. Berger e T. Luckmann, A Construção Social da Realidade, Petrópolis, Vozes, 1983, p. 72).

⁷ "No processo da existência, a essência se realiza e, ao mesmo tempo, existir significa um retorno à essência". (Erich Fromm, *op. cit.*, p. 36).

⁸ Citado por Erich Fromm, *idem*, p. 21.

pessoa no mundo, como sua condição de sexo, cor, etnia, etc.

A partir disso, duas coisas devem ser consideradas: em primeiro lugar, a evidência e a importância da divisão existente entre homens e mulheres; em segundo lugar, que essa divisão não é estritamente natural e biológica, que não se pode abstrair-la da condição de classe.

O corte que separa a humanidade em homens e mulheres é tão básico quanto o que divide a sociedade capitalista em proletários e burgueses. Negar a importância desse corte é tão grave quanto supervalorizá-lo.

Deparam-se, com frequência, duas posições antagônicas: a) masculinidade e feminilidade são extremos opostos; e b) homens e mulheres são seres humanos, não existindo diferenças substanciais entre ambos.

Considero estreitas as duas posições. A primeira por limitar as possibilidades do indivíduo, enquadrando-o em um esquema caracterizado pelos esterótipos sexuais. A segunda, por negar as óbvias diferenças entre os sexos, reduzindo-os a uma única categoria e esquecendo as riquezas e peculiaridades de cada gênero.

Em "O Segundo Sexo", Simone de BEAUVOIR, a mais importante teorizadora do feminismo, diz:

"E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem como uma evidência total".⁹

⁹ Simone de Beauvoir, op. cit., 13.

O outro aspecto salientado e a que BEAUVOIR também se refere é o da base concreta (histórica, social e cultural) da condição sexual. Não existem mulheres no abstrato, mas mulheres burguesas, proletárias, brancas, amarelas, negras, judias, católicas, ocidentais, japonesas, urbanas, rurais, medievais, contemporâneas ...

BEAUVOIR acrescenta à idéia anterior:

"A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *anti-physis*: ela não sofre passivamente a presença da natureza, ela a retoma em mãos. (...) a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade".¹⁰

A questão da alteridade também está presente em "O Segundo Sexo". BEAUVOIR diz que a alteridade, a relação do *Mesmo* com o *Outro*, é uma categoria fundamental do pensamento humano. E, no que diz respeito aos gêneros, a mulher não vive, em nossa sociedade, a condição de *Sujeito*, mas é percebida e se percebe como o *Outro*, o *Inessencial*, um *Ser Relativo*, sempre em referência ao homem, o *Essencial*, o *Ser absoluto*.

Contemporaneamente, as mulheres têm lutado pela afirmação de sua individualidade, por se constituírem enquanto *Sujeitos*: por um lado, ingressando no mercado de trabalho, adquirindo independência econômica e, por outro lado, firmando seus valores na sociedade, tanto no mundo da rua (pública) como no da casa (privado). Entretanto, paralelamente a esse avanço no sentido de sua individualização, persistem traços muito fortes, como a necessidade de ser protegida e cuidada.

¹⁰ Idem, p. 79.

Sobre isso, BEAUVOIR comenta:

"Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida".¹¹

Convém agora nos determos um pouco no conceito de identidade e explicitar como o entendemos.

Aquilo que nos caracteriza como pessoas, que nos dá o referencial de quem somos para nós mesmos e para os outros, o referencial de nosso lugar no mundo, é nossa identidade (aquilo que nos identifica como membros da sociedade). Ela pode abranger múltiplos aspectos e, dentro deles, daremos particular atenção ao da *identidade de gênero* (ou sócio-sexual).¹²

Tomaremos de empréstimo a definição utilizada por FRANCHETTO ET ALLI no ensaio "Antropologia e Feminismo":

"A noção de identidade de gênero refere-se à construção social do sexo, ou seja, aos papéis e valores que o constituem em dado momento histórico, em uma sociedade particular, englobando o sexo biológico".¹³

¹¹ Ibidem, p. 19.

¹² Preferimos utilizar a expressão *identidade de gênero* e não identidade sexual, porque aquela nos parece mais ampla, abrangendo a dimensão sócio-cultural da condição de sexo.

¹³ Bruna Franchetto et alli, "Antropologia e Feminismo", in: Perspectivas Antropológicas da Mulher 1, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 16.

E, para complementar a definição acima, reforçando o condicionamento social do sexo biológico, citamos Sílvia LANE, de "O Que é Psicologia Social":

"É neste sentido que questionamos quanto a 'identidade social' e 'papéis' exercem uma mediação ideológica, ou seja, criam uma 'ilusão' de que os papéis são 'naturais e necessários', e que a identidade é consequência de 'opções livres' que fazemos no nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social".¹⁴

As citações acima vêm corroborar o que vínhamos comentando até agora sobre a base concreta da natureza humana e da condição sexual. Da mesma maneira, a identidade de gênero é condicionada a uma sociedade e cultura específicas.¹⁵

A identidade não é, entretanto, uma estrutura monolítica. O senso de si mesmo é constituído por uma gama variada e contraditória de elementos. Atuam sobre ele os valores dominantes na sociedade (da classe e do sexo hegemônicos), mas também discursos que contrariam esses valores (como o do feminismo, por exemplo), além da própria biografia do indivíduo, isto é, sua vivência cotidiana, que transcende os modelos de comportamento estabelecidos para ele. A realidade não é estática; é muito mais rica que os esquemas teóricos que elaboramos a partir dela.

¹⁴ Sílvia T. Maurer Lane, O Que é Psicologia Social, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 22.

¹⁵ É exatamente na elucidação dessa questão que reside a importância do feminismo, quando objetiva, segundo FRANCHETTO, a "desnaturalização e concomitante relativização da categoria mulher" (Bruna Franchetto et alli, op. cit.), ao afirmar que a identidade feminina é socialmente produzida.

Se damos ênfase somente ao condicionamento social da identidade, corremos o risco do determinismo, elaborando um esquema teórico em que os indivíduos são meros objetos da ação da sociedade, e não sujeitos de sua própria história, capazes de modificar, e mesmo refazer, a realidade social que os circunda.

3 - A EXPERIÊNCIA VIVIDA

"Tem horas que eu acho que tenho oitenta anos, quando olho tudo o que vivi, todas as experiências que passei; e tem outras horas que eu fico até em dúvida se já tenho vinte".

(Informante nº 06)

Com o intuito de historiar a experiência de vida das informantes, pedimos a cada uma que fizesse um relato de sua biografia, mantendo mais ou menos uma ordem cronológica. Da infância à velhice, passamos ao longo dos vários marcos biológicos que caracterizam a vida de uma mulher, como a menarca (primeira menstruação), a primeira relação sexual (e o defloramento), a maternidade (gravidez, parto, aleitamento) e a menopausa. A partir desses relatos, reconstituímos como vivenciaram (ou vivenciam) suas experiências com relação à socialização, sexualidade, reprodução e trabalho, e como expressam, ao nível das representações, essas vivências.

Apesar deste capítulo ser dedicado à experiência vivida e o próximo se ocupar das representações da identidade, é impossível fazer uma separação precisa entre estas duas instâncias, porquanto, de fato, narrando suas experiências, as mulheres entrevistadas não simplesmente fotografam o passado a partir do arquivo de suas memórias, mas interpretam e representam a realidade, de acordo com sua visão de mundo.¹ A

¹ Entendemos que não há um real a ser captado tal qual é (esta é uma concepção positivista), mas existem diferentes maneiras de percebê-lo. É certo, no entanto, que, como ideal científico, busca-se a percepção mais objetiva possível da realidade. Diz Gilberto Velho: "... o que podemos captar, dentro da precariedade de nosso conhecimento, sempre é uma aparência ou, pelo menos, um lado, uma versão de um todo muito complexo, cujos mistérios se sucedem ininterruptamente, à medida que temos a ilusão de tê-los desvendado". (Gilberto Velho, op. cit., p.106).

separação é utilizada apenas como recurso metodológico, no seguinte sentido: a experiência entendida como a vivência dos fatos transcorridos no percurso biográfico, e as representações como um conjunto de imagens elaboradas sobre esses eventos.

No que concerne especificamente à socialização, analisamos dados das histórias de vida abrangendo o período da infância.

É nesse período que a criança recebe treinamento dos pais (ou pessoas que representam esse papel) no sentido de torná-la apta ao convívio social, interiorizando os elementos sócio-culturais do meio no qual nasceu. Seu desempenho, daí em diante, vai depender de muitos fatores, inclusive idiossincráticos, mas ela já sabe em que parâmetros deve se orientar e que tipo de comportamento se espera dela. Na verdade, o indivíduo só passa a fazer parte de sua sociedade através do processo de socialização, pois segundo BERGER & LUCKMANN, ele "não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade".²

Para sermos mais precisos, o termo socialização, se usado de forma ampla, pode ser compreendido como um processo contínuo e interminável, que nos acompanha durante toda a nossa existência, pois não cessamos de apreender aspectos de nossa sociedade. Pode-se, no entanto, segundo os autores acima citados, fazer uma distinção entre a socialização primária e a secundária, sendo a primeira a que acontece na infância, correspondendo a segunda a "qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade".³

² P. Berger e T. Luckmann, op. cit., p. 173.

³ Idem, p. 175.

O mundo apreendido pela criança em sua infância é, de certa forma, absoluto, pois ela o interioriza "como sendo o mundo, único mundo existente e concebível, o mundo *tout court*".⁴ Contudo, tomando o devido cuidado para não reificar a socialização, convém observar que ela não nos coloca diante de um destino natural e inexorável, mas que é o aprendizado posterior, já consciente, que vai reafirmar ou negar o que apreendemos como verdade absoluta na infância.

Pudemos observar que a socialização das várias entrevistadas variava conforme a classe social a que pertencia a família, a geração da qual fazem parte, o contexto histórico da sociedade (no período da socialização), a origem rural ou urbana da família e o nível de instrução dos pais.

No entanto, apesar das variações na forma da socialização, esta se fundamentava mais ou menos em um mesmo modelo; modelo este que não variou substancialmente de uma geração para outra. Isso talvez pelo fato de ser a família (locus privilegiado da sexualidade e da reprodução), uma das instituições mais resistentes a mudanças.

O ideal de mulher que prevaleceu na socialização para as duas categorias de entrevistadas (estudantes e professoras) era mais ou menos o mesmo, apesar da distância cronológica entre ambas.

O modelo comum à socialização das dez informantes é o que prevalece na sociedade ocidental, de origem judaico-cristã, como a nossa: o do patriarcalismo. Entende-se por sociedade patriarcal (sob o poder do Pai) ou, usando uma linguagem mais psicanalítica, falocrática ("Phallós": pênis; "Krathōs": poder), a que se fundamenta na ordem masculina, em que o poder econômico, político e ideológico são masculinos e onde se cultua o mito da superioridade do homem.

⁴ Idem, p. 180.

É uma sociedade profundamente marcada pela diferenciação sexual na atribuição de papéis sociais aos indivíduos e pela hierarquização baseada nessa diferenciação, privilegiando os valores e atividades masculinos. Nela, existem padrões bem definidos, opostos e excludentes, de masculinidade e feminilidade, com papéis bastante delimitados, atribuídos a homens e mulheres. Manifesta-se, outrossim, acentuada cisão entre as esferas pública e privada, sendo a primeira, lugar da produção, domínio do homem, e a segunda, âmbito da reprodução, domínio da mulher.

Essa separação está ligada à associação simbólica estabelecida entre a *Mulher* e a *Natureza* e entre o *Homem* e a *Cultura*. A primeira, por ter sua existência marcada por acontecimentos biológicos de certa forma previsíveis e seqüênciais, é considerada como mais próxima à Natureza.⁵

Segundo o que constatamos nas entrevistas, o treinamento para a transformação de homens e mulheres em tipos sociais distintos começa na infância, com a socialização da criança em relação à divisão de tarefas domésticas, às brincadeiras, ao acesso à rua e à educação e liberdade sexuais. É importante aqui destacar a participação da mulher nesse processo. Em virtude da ocupação do homem com o mundo da rua e da mulher com o mundo doméstico, tem ela uma relação mais estreita com os filhos e lhe é reservada parcela maior de responsabilidade na criação da prole. Ela talvez seja a primeira e mais importante transmissora da ideologia da classe e sexo dominantes na sociedade aos filhos (ideologias que, por sinal, estão sempre intimamente ligadas).

"Eu acho a mulher a promotora do machismo, em todos os níveis, desde a educação do filho em casa. No fundo, é uma contradição: como é que ela mesma

⁵ "Desde o nascimento, a espécie toma posse dela e tenta afirmar-se...". (Simone de Beauvoir, op. cit., p. 52).

cria as pessoas que vão dominá-la depois?" (*Informe n.º 06*).

De um modo geral, as informantes originam-se de famílias de classe média urbana. Nelas, via de regra, havia composição mista de filhos, onde foi possível a convivência de irmãos e irmãs e a constatação, por parte delas, do treinamento diferenciado no período da socialização.

Na maioria dos casos, havia distinção na distribuição de tarefas entre meninos e meninas, desde que se fizesse necessária a ajuda dos filhos no trabalho doméstico, isso quando a mãe não atribuía só para si todas as tarefas. Não era uma divisão rígida, mas no mais das vezes cabia às filhas mulheres tarefas mais ligadas à cozinha e ao cuidado com os irmãos menores (trabalhos muito próximos da mãe); e aos filhos homens, serviços que exigiam maior esforço físico (geralmente, periféricos à área da cozinha), podendo ocorrer também que fossem dispensados de qualquer contribuição à execução das tarefas domésticas.

Quanto às brincadeiras e jogos, de um modo geral, o controle exercido pelos pais não era excessivo, a não ser quando essas brincadeiras envolviam o acesso à rua. Este elemento era objeto de controle rigoroso, pois o mundo da rua era privilégio masculino. Às meninas era interditado, total ou parcialmente, esse acesso, sendo-lhes reservado o ambiente doméstico, numa clara intenção de preservá-las do contato com os outros meninos e das descobertas sexuais.

No que se refere à educação sexual, ficou evidenciado que ela não existia enquanto prática formal e usual, nem para os meninos nem para as meninas. Mas aos primeiros, mesmo por causa do livre acesso à rua, não eram interdidadas as informações. Já as meninas sofriam de relativa ou absoluta carência de informações, por parte dos pais, sobre seu corpo e sua sexualidade, desencorajando-as a uma maior conscientização desse aspecto de sua identidade. Quanto a isso, foi ob

servada uma ligeira mudança na socialização das estudantes entrevistadas com relação às das professoras, tendo as primeiras recebido um arremedo de educação sexual, apesar de receberem mensagens contraditórias (visão científica e asséptica da sexualidade aliada a proibições e atitudes preconceituosas). Muitas delas buscavam satisfazer a curiosidade nos livros.

"Com relação à educação sexual, foi difícil p'ra mãe passar p'ra mim. Eu notava que era um verdadeiro constrangimento p'ra mamãe me falar sobre isso. Eu perguntava muito e notava que, propriamente ali, não tinha muito espaço p'ras minhas respostas. E com o papai, ele adotava uma linguagem mais técnica, menos carregada de afetividade, que não envolvia ele. Ele tentava não se constranger atrás de uma linguagem técnica, mas eu notava que também era constrangedor". (*Informante nº 04*).

Se o acesso às informações era diferenciado entre meninos e meninas, a dessemelhança se acentua quando se trata do próprio exercício da sexualidade. Com relação a isso, os meninos não só eram mais liberados, mas até mesmo estimulados a se descobrirem e a se exercitarem sexualmente. Sobre elas, no entanto, era impingida severa vigilância, ou pelo menos a tentativa, na intenção de protegê-las dos "perigos" do mundo (ou protegê-las dos homens, o que daria no mesmo), contribuindo para aliená-las de uma parte de si mesmas.

Um dado digno de nota, presente em todas as entrevistas, é o peso considerável da figura da mãe na vida da filha durante um certo período, que se estende da infância à adolescência, quando, então, ocorre um corte por vezes brusco entre elas. Essa importância da mãe independe do tipo de relação estabelecido entre as duas, se amistoso ou conflituoso.

Ao lado da importância dos papéis e valores ensinados

dos pelos pais e interiorizados pelas mulheres entrevista das, há que se ressaltar algo fundamental: paralelamente à força dos modelos impostos de maneira genérica aos indivíduos pela sociedade, há o elemento dinâmico e particular da apreensão e retomada desses modelos pelos indivíduos.

Estabelece-se uma relação dialética entre o indivíduo e a sociedade: a biografia de cada um, sua experiência particular e restrita a um ambiente social micro, caminha lado a lado com a história da sociedade da qual faz parte, sendo por ela condicionado e, inversamente, contribuindo para construí-la.

No início desta pesquisa, havia uma excessiva preocupação com os modelos e os papéis (o que não deixava de ser um viés funcionalista), tendendo-se a vê-los como entidades sobrenaturais, eternas e imutáveis, a pairar sobre as pessoas. Alertados para esse risco e analisando mais acuradamente o conteúdo das entrevistas, tomamos uma maior consciência do caráter dialético da relação existente entre a sociedade e os indivíduos, "minúsculos pontos de cruzamento da biografia e da história", nas palavras de WRIGHT MILLS.⁶

Procuramos, então, evitar o reducionismo e seguir as recomendações de VELHO:

"Longe de escamotear o peso e a importância da sociiedade que, de alguma forma, produz os indivíduos, procuraríamos compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico. Por outro lado, sem negar a Psicologia mas não sendo psicólogos, poderíamos reinterpretar o espaço para que o indivíduo, através de suas interações e ações, possa ser percebido, mes

⁶ C. Wright Mills, A Imaginação Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

mo em momentos limitados, como sujeito e não mero objeto e juguete".⁷

* * * *

Uma palavra presente em todas as entrevistas foi dor (ou variações dela, como cólicas). A dor aparece de forma recorrente nos depoimentos, em graus bastante variados, mas sempre presente de alguma forma: pela ocasião da menstruação, que algumas vivem como uma doença, outras com leves cólicas, ou na primeira relação sexual e ainda no parto ou, para as que ainda não tiveram filhos, o medo da dor do parto. A seguir, dois depoimentos em que ela aparece de forma radical, no primeiro, relacionada à menstruação, e, no segundo, ao defloramento:

"Sempre teve, todo mundo lá em casa tinha cólicas. Até hoje é assim. Eu, às vezes, não venho trabalhar, passo o dia deitada, 'menstruada'. É um 'estado': dor por todo canto, indisposição". (*Informante nº 10*).

"Eu me lembrei da tortura: faz de conta que eu estou sendo torturada. Resistir, não gritar". (*Informante nº 07*).

Um depoimento um pouco diferente dos outros em relação à vivência da dor foi o seguinte:

"Eu nunca senti dor, nem p'rá exame ginecológico, p'ra nada. Eu acho que é muito ligado à cuca". (*Informante nº 06*).

⁷ Gilberto Velho, op. cit., p. 55-56.

A mesma entrevistada admite, todavia, que ela exista como regra geral. Supõe que a dor possa nos ter sido induzida culturalmente, ao longo das gerações, como uma espécie de castigo pela prática do prazer. Esse castigo está muito bem representado no Antigo Testamento, pela maldição que recaiu sobre Eva (sobre todas as mulheres?) ao ser expulsa do Paraíso: "Disse também à mulher: multiplicarei os teus trabalhos, e [especialmente os de] teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará". (Gênesis, 3:16).

Em conexão com esta idéia, existe a noção, explícita da por esta informante e por outras, do desfavorecimento da mulher pela Natureza, de uma injusta sobrecarga de dor, incômodos e dificuldades. Muitas comentam que, no aspecto biolôgico, a mulher é mais vulnerável que o homem, como a entrevistada que, em virtude de sua formação acadêmica, aborda o assunto de forma mais complexa:

"Eu acho a mulher, como ser biológico, mais complexa do que o homem, a partir do momento em que há, na mulher, a possibilidade de ter o seu corpo como alojamento para um outro ser. E se ela é um ser mais complexo biologicamente, ela tem possibilidades de ter mais problemas com esse lado biolôgico do que o homem, teria um leque maior de coisas no seu corpo que poderia ser atingido". (Informante nº 02).

Com relação à descoberta do corpo, está acontece juntamente com um processo de distanciamento da figura materna, que culmina na adolescência, quando os conflitos acirram-se e a menina procura negá-la.

Acontece algo parecido por ocasião da primeira relação sexual que, pelo que observamos na maior parte dos depoimentos, representou para as oito mulheres que já haviam passado por ela, o marco de uma nova postura diante do mundo.

Momento privilegiado em que procuram assumir-se como seres autônomos, já que para todas elas a primeira relação sexual não foi uma mera decorrência do casamento (as que casaram tiveram essa experiência antes do casamento).

"Eu tenho a impressão que era uma arma que eu tinha p'ra me rebelar. 'Eu não sou virgem e dane-se!' A minha geração era uma geração muito reprimida, em todos os aspectos. Na época que eu estou adolescente, eu estou vendo o auge da repressão neste País. Afora a questão da família, dos valores mais tradicionais, você tem também a repressão mais geral, mais política. Eu andava louca por uma coisa p'ra me rebelar". (*Informante nº 07*).

As duas entrevistadas que se mantêm virgens idealizam a primeira relação sexual como algo especial que pretendem experienciar com a "pessoa certa, no momento certo".

"Não estou fazendo aqui uma louvação do hímen, mas eu penso na virgindade no sentido de dar todo um valor ao seu momento de entrega, de doação, com uma pessoa que você se sente totalmente segura. Precisa você gostar dela, muito, sentir que ela gosta de você, sentir que ela valoriza você como pessoa, que você valoriza ela. Eu realmente não me sinto nem um pouco atraída pela coisa de você sair transando com todo mundo p'ra ganhar experiência ou pelo prazer". (*Informante nº 04*).

Observamos em todos os depoimentos a forte vinculação feita por elas entre sexo e afetividade. Segundo elas, não teriam relações sexuais com quem não tivessem algum tipo de envolvimento afetivo, principalmente no que se refere à primeira experiência.

O depoimento seguinte reforça o anterior:

"Quero te dizer que, à medida em que eu descobri o meu corpo, eu também descobri meu coração. Não transaria, e nunca transei com uma pessoa pela qual não estivesse apaixonada". (*Informante nº 02*).

Isso nos leva a pensar que, pelo fato da ideologia sexual dominante incutir na mulher a idéia de que não é um ser essencialmente sexual, mas prioritariamente destinado à maternidade, ela acaba interiorizando a idéia de que ele não é algo central em sua vida e, se acontece (pois acaba consttatando que é uma coisa boa), precisa legitimá-lo associando-o ao amor, que o purifica.⁸

Uma das entrevistadas percebe isso, apesar de admitir que, em seu caso, a regra geral se confirma, a que vincula o sexo e a afetividade.

"Não devia ser necessário aquela pessoa ter tanta importância afetiva na tua vida p'ra existir a relação sexual com ela". (*Informante nº 10*).

Essa discussão traz à tona também outro dado muito recorrente nas entrevistas e percebido por algumas: a defasagem existente entre os níveis emocional e mental. São todas bem informadas, desenvolvendo algum tipo de atividade intelectual e tendo alguma forma de participação política, ou em movimentos mais amplos da sociedade (como de partidos políticos) ou mais restritos (de categorias profissionais). E, de um modo geral, em seus discursos, demonstram ter noção da conexão entre a estrutura geral da sociedade e a vida cotidiana. Apesar disso, a maioria demonstra certa imaturidade e desconhecimento de alguns aspectos de sua sexualidade ou do funcionamento de seu corpo, o que aparece claro no seguinte depoimento:

⁸ O ritual de purificação do sexo em nossa sociedade é, por excelência, o casamento.

"Há uma divisão muito grande, uma defasagem entre o teu avanço intelectual e o teu estado emocional. Esse lance de culpa, por exemplo, é um negócio muito da religião, uma coisa que a gente carrega. A gente não se deixa muito ser feliz". (*Informante nº 07*).

De todos os pontos abordados nas entrevistas, o que causou mais incômodo às entrevistadas (manifestado explicitamente por duas delas) foi a masturbação. Ela é vista com reservas e apenas como complemento ou substituto da relação sexual, nunca como uma forma autônoma de prazer, com um significado próprio (apesar de algumas admitirem que o orgasmo acontece mais facilmente através dela).

"Hoje, como eu estou sozinha há algum tempo, eu não transo masturbação, porque fica parecendo 'quebragalho', 'fim-de-carreira'. O extravasamento dessa energia tem que ser a dois. Trocando em miúdos, masturbação não é uma transa do meu corpo. Mas é uma coisa besta, porque, racionalmente, eu tenho como conceito que masturbação 'é o teu corpo, a tua autonomia, a tua identidade'. Mas, emocionalmente, eu não chego lá, não". (*Informante nº 07*).

As entrevistadas, de um modo geral, têm noção da dimensão social do trabalho, além do significado particular que ele tem para cada uma.

"Quando a geração da gente trabalha, acrescenta alguma coisa à civilização e à História". (*Informante nº 08*).

Em virtude das entrevistadas não terem suas vidas circunscritas exclusivamente ao âmbito do lar, o trabalho assume para elas importância vital.

A ocupação, pela mulher, de espaços na esfera pública e a crescente ampliação de suas possibilidades profissio

nais trazem à tona um problema ainda não resolvido, o do acúmulo de tarefas desempenhadas por ela e a difícil compatibilização entre seus vários papéis. O setor público foi conquistado pelas mulheres, mas o doméstico continua vazio de homens, ainda é o reinado feminino. Tanto pior para os dois: a mulher perde com isso porque se sobrecarrega, tendo que acumular integralmente os papéis de esposa, mãe, dona-de-casa (suas especialidades) e o de profissional (onde admite-se que ela não precise ser tão boa); o homem, porque deixa de cultivar o seu lado obscuro e tão negado, ligado ao desempenho de suas funções de pai, por exemplo, deixando de ter um contato corporal e afetivo com os filhos. Existem resistências dos dois lados: o homem está muito ocupado em acumular dinheiro e poder para se preocupar com assuntos "menos importantes" e a mulher ainda não está preparada para abrir mão de seu poder sobre a casa e os filhos.

As informantes casadas (à exceção de apenas uma) ou as que convivem mais amiúde com o parceiro nos falam que seus companheiros ensaiam algum tipo de participação no mundo doméstico, mas sempre de forma secundária, como favor ou concessão.

4 - REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE

"Um dia ali estará a moça, ali estará a mulher, cujo nome não mais significará apenas uma oposição ao macho nem suscitará a idéia de complemento e de limite, mas sim a de vida, de existência: a mulher-ser-humano. Esse progresso há de transformar radicalmente a vida amorosa, hoje tão cheia de erros, numa relação de ser humano para ser humano, não de macho para fêmea. E esse amor mais humano assemelhar-se-á àquele que nós preparamos fatigosamente, um amor que consiste da mútua proteção, limitação e saudação de duas solidões".

(Rainer Maria Rilke)¹

Imaginar é um privilégio humano. É por causa da imaginação que o homem é capaz de transformar a Natureza "à sua imagem e semelhança" e projetar um mundo novo, a cada novo dia, diferente do já existente. Idealizando situações futuras, retomando o passado pelo trabalho da memória, sonhando, elaborando fantasias, exercendo a criatividade, ou simplesmente percebendo o meio externo através dos sentidos, o Homem imagina, isto é, constrói imagens e representa a realidade.²

O mundo das representações e imagens situa-se no nível do Imaginário, o mundo da imaginação. O imaginário é uma das dimensões do domínio humano da Cultura.

¹ Rainer Maria Rilke, Cartas a um jovem poeta, Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1983.

² "Não é só pelo trabalho que o homem humaniza a natureza, porém ele a humaniza e se *renaturaliza* ao mesmo tempo, e notadamente, pelo exercício de seu poder *imagístico*". (Jean Duvignand (dir.), A Sociologia: Guia Alfabético.

É interessante notar, como observou CASTORIADIS ("A Instituição Imaginária da Sociedade"), que o imaginário não se reduz ao funcional, não é um simples reflexo da estrutura econômica da sociedade. É esfera que mantém estreita relação com essa estrutura, mas conserva certa autonomia, encontrando-se presentes nela elementos da ideologia dominante associados a contra-ideologias e projeções dos indivíduos sobre o futuro (suas utopias).

Assim, os papéis desempenhados pelos indivíduos reais, no desenrolar do seu dia-a-dia, não preenchem necessariamente funções essenciais, mas extrapolam o roteiro elaborado para eles.³

Neste capítulo, analisamos os discursos das informantes, para deles extrair suas representações acerca da própria identidade, na tentativa de compreender como estruturam e expressam de forma consciente sua condição de gênero. Interessam-nos suas imagens do passado (lembranças), do presente (percepção atual) e do futuro (idealizações, utopias).

Acreditamos que as representações manifestas pelas entrevistadas não são mera decorrência de uma percepção "pura" da realidade, mas são construídas a partir de suas experiências cotidianas em conjunto com o esquema ideológico dominante na sociedade e com idéias e valores contrários a esse esquema.

Dos depoimentos prestados, podemos retirar algumas conclusões.

³ "A visão moderna da instituição que reduz sua significação ao funcional, é só parcialmente correta. (...) Ela projeta sobre o conjunto da história uma idéia tomada de empréstimo não propriamente da realidade efetiva das instituições do mundo capitalista ocidental (que sempre foram e são, apesar do enorme movimento da 'racionalização', só parcialmente funcionais), mas aquilo que esse mundo gostaria que suas instituições fossem". (Cornelius Castoriadis, A Instituição Imaginária da Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 159.

Ficou muito claro, por exemplo, o questionamento feito ao modelo sexual dominante, havendo, porém, a manutenção de alguns estereótipos pertinentes a esse modelo. Essa contradição é muitas vezes reconhecida por elas.

"Eu sou mulher e acho que sou machista em algumas coisas. Eu gosto de um homem pronto p'ra me proteger; além do amor, eu quero o sentimento de proteção". (*Informante nº 10*).

Como afirmamos no capítulo anterior, a base do processo de socialização foi semelhante para as dez entrevistadas. Constatamos também que, apesar disso, o rumo que suas biografias tomou diferiu bastante de uma para outra, tanto no que diz respeito à experiência posterior quanto às representações elaboradas a partir dela. Cada uma retomou de forma peculiar o conteúdo apreendido na infância.

No final de cada entrevista, era perguntado sobre o que acharam da experiência de falarem longamente de si mesmas. A maioria disse ter tido uma sensação boa por relembrar o passado, evocar lembranças que já estavam há muito tempo guardadas e detalhes que nunca haviam comentado com ninguém. Algumas consideraram o momento da entrevista como oportunidade de fazerem uma espécie de balanço da existência, de refletirem sobre coisas importantes de suas biografias. Outras nos falaram da sensação de se terem exposto demais para uma pesoa que mal conheciam (atenuada pelo fato da entrevistadora também ser mulher).

Já comentamos anteriormente que a vida da mulher é marcada por uma série de acontecimentos biológicos. Podemos considerar esses eventos como ritos de passagem, no sentido de que, apesar de estarem restritos ao âmbito particular do indivíduo, revestem-se de uma significação toda especial. Ao vivenciar cada um desses eventos, a mulher transpõe uma porta, passa de um estágio a outro, não só biológico, mas social. Menstruar pela primeira vez, por exemplo, em nossa so

cidade, tem um significado maior do que simplesmente estar apta à procriação; representa um novo status, com seu respectivo papel. Pode até criar na menina a expectativa de que algo novo e importante vai acontecer, como no caso desta entrevistada:

"... se eu menstruasse, eu ia ser moça. Ser moça era uma coisa de ser grande, de ser gente, sei lá. Aí quando eu menstruei, eu pensei assim: 'Agora eu sou moça. Mas eu continuo sendo a Fulana e do mesmo jeito, não mudou nada!'. (Informante nº 01).

O último tópico do roteiro de entrevistas corresponde às "representações da identidade", onde é pedido que elas falem sobre o que é ser mulher, o que é ser homem, as vantagens e as desvantagens de ser mulher e vantagens e as desvantagens de ser homem. Houve certa resistência a essas perguntas. Em primeiro lugar, porque é mais "gostoso" (expressão usada por elas) falar sobre o passado do que dar exaustivas definições que nem sequer haviam ainda formulado conscientemente. Em segundo lugar, porque seus discursos mostravam que tinham clareza do caráter cultural e não natural da atribuição de papéis e estereótipos aos sexos.

A maioria considera que as diferenças entre homens e mulheres, à exceção das estritamente biológicas, são todas determinadas culturalmente. E que, em sua essência, homens e mulheres são iguais. Poucas acabam por confessar que nem sempre é claro o limite entre o cultural e o biológico.

Ser Mulher:

É neste item que a Natureza manifesta-se em toda a sua majestade. No final das contas, a mulher é definida principalmente por suas funções biológicas, como menstruar e parir.

Apesar da constatação de que é na concreticidade da vida social que a identidade se afirma e que a condição de gênero é fortemente marcada pelo contexto cultural, não podemos negar que, no caso específico da mulher, os condicionamentos biológicos são fundamentais na constituição do seu senso de si mesma e na própria divisão sexual do trabalho.

Qualquer discussão que envolva a problemática dos sexos tem necessariamente que levar em consideração esse dado, pois pode-se cair no simplismo de reduzir tudo a uma questão de cultura.

Há um dado universal que liga todas as mulheres, uma "condição feminina" (o que não é o mesmo que dizer que há uma "natureza" feminina), anterior às classes e provavelmente posterior à possível abolição delas. É evidente que a experiência e as representações de uma mulher operária diferem em muito das de uma burguesa, por exemplo, mas há algo comum a ambas que precisa ser considerado e analisado em suas raízes, sob pena de se incorrer em graves erros, inclusive políticos.

Não queremos cair no simplismo de dizer que o discurso feminino é "puro", livre de contradições e acima das classes. O discurso feminino está eivado de contradições, dos mais variados matizes. A mulher hoje questiona enfaticamente o modelo sexual dominante, como já afirmamos anteriormente, mas não está livre dele, o que seria até impossível. A contradição existe já que: ela própria é a principal socializadora das crianças e são as ideologias do sexo e da classe dominantes que ela veicula com maior ênfase; busca sua autonomia enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, não consegue viver sem a segurança e a proteção do homem; no nível racional, o do discurso e das intenções, ela luta pela igualdade de direitos, pela ocupação de espaços no mundo público, mas constata, na prática, que, às vezes, é tão machista quanto o próprio homem, pois também ainda não está em condições de abrir

mão de seus privilégios (ela também os tem).

No caso de nossas informantes, essas contradições são acentuadas, pois aliadas ao fato de pertencerem à classe média. Classe que nem é a dos dirigentes, dos exploradores e opressores, nem a dos oprimidos e explorados. Nela encontra-se de forma clara o questionamento dos valores morais tradicionais ligados à família e ao sexo. É onde se pode encontrar bandeiras de luta com relação à paz, à proteção da natureza e da vida, à liberdade sexual e política. Mas é também uma classe com sérios problemas de identidade, em que proliferam as contradições, aproximando-se ora do poder dominante, ora das classes subalternas.

Voltando às entrevistas, podemos afirmar que a maternidade é um elemento muito importante na composição da identidade das informantes. As expressões "ser mãe", "parir", "maternidade", "engravidar", "procriar" e "ter filhos" aparecem de forma recorrente como respostas às perguntas "o que é ser mulher", "quais as vantagens de ser mulher", ou ainda negativamente à pergunta "quais as desvantagens de ser homem".

Ao contrário do que se poderia esperar, por causa do questionamento dos papéis tradicionais, não há rejeição à maternidade em si, nem às instituições casamento e família.

"Eu não descredito de casamento, apesar de tudo. Eu acho que constituir uma família ainda é uma das maneiras mais viáveis de se ~~ser feliz~~. Eu valorizo muito essa coisa de maternidade". (Informante nº 04).

O que elas fazem são críticas às formas existentes de ser mãe, de ser pai, de família e de casamento, em nossa sociedade. Há a desmistificação da maternidade como destino ou algo sagrado. Ao mesmo tempo em que desejam ter filhos, sentir algo vivo dentro de si, também temem a dor do parto, a flacidez dos seios, as estrias, a responsabilidade (palavra

que aparece com freqüência) e a acumulação de papéis.

Associam a dificuldade no desempenho do papel de mãe à pouca valorização da paternidade em nossa cultura. Na definição do que deveria ser pai, na opinião delas, a palavra "compartilhar" (ou suas variações) apareceu inúmeras vezes.

"Depois que você tem um filho, você não é mais 'eu', é 'nós', principalmente a mulher. É um negócio altamente massacrante se você intelectualizar o fato de ser mãe. Mas, apesar de todos esses inconvenientes, é ver um pedaço seu independente de você. Não ser mãe deve ser horrível; toda mulher deve ser mãe". (*Informante nº 09*).

"Antigamente, eu pensava ter o 'meu' filho, porque eu achava que toda mãe, mesmo casada, é mãe solteira. Agora eu não me conformo mais com isso. Se eu for ter um filho, eu quero ter um filho com outra pessoa, dividindo. Hoje eu não gostaria mais de ter um filho sozinha. Eu acho que o que eu questiono na história de ser mãe é porque eu ando questionando a história de ser pai. Ser pai é p'ra dar remédio, p'ra preparar comida, era p'ra ensinar a andar, a falar, responder pergunta. Seria mais fácil ser mãe numa visão dessa de pai, de uma coisa compartilhada". (*Informante nº 08*).

Só um dos depoimentos omite qualquer referência à maternidade nas respostas às perguntas "o que é ser mulher" e "vantagens de ser mulher". Mas não há, porém, a sua negação, pois em seu discurso a entrevistada nos fala que se considera uma pessoa maternal, mas acha que não precisa ter um filho para se sentir realizada. Teve vontade de ter filhos por volta dos vinte anos, mas, depois, não. Sentiu-se, durante muito tempo, cobrada por resolver não tê-los. Para ela,

ser mãe é muito mais um estado psicológico, é estar disponi
vel para as outras pessoas.

"Eu sempre achei que maternidade e paternidade são opções, e, aliás, a opção mais séria da vida de uma pessoa. Eu acho a maternidade física necessá
ria muito mais p'ra sobrevivência da espécie. Deve ter alguma coisa por trás disso, de achar que a mulher sõ se realiza na maternidade. Enquanto a mulher está muito preocupada com isso, não vê o es
paço que ela deve conquistar na sociedade. Se ti
ver instinto materno, eu devo ser anormal, primei
ro porque eu não aceito instinto na pessoa huma
na". (Informante nº 06).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é sempre um desafio. É um desafio à nossa sensibilidade para perceber a intrincada relação entre as várias dimensões da realidade; à nossa criatividade, para dar mos uma contribuição própria, por menor que seja ela; à nossa capacidade em fazer a ponte entre o teórico e o empírico; à nossa disciplina e força de vontade, no sentido de administrar o tempo e a disposição da forma mais proveitosa possível; e, por fim, ao nosso talento em resumir, de forma clara e precisa, a experiência da pesquisa em algumas poucas páginas. Acabamos por falhar em algumas ou em todas essas provas.

Só tem noção da dimensão desse desafio quem já passou por ele.

Passamos, nas diversas fases da pesquisa, por emoções bem diversas, como a curiosidade e empolgação das desco^{bertas}, o cansaço que acompanha a exaustiva coleta de dados e, depois de concluído o trabalho, misturam-se emoções contraditórias, como a imensa alegria por concluir algo e a frustração por vê-lo inacabado.

A impressão que nos acompanha, no momento, é a de termos desperdiçado riquíssimo material que não tivemos a competência para usar adequadamente, pela falta de amadureci^{mento} suficiente e pela exigüidade do tempo, este eterno ini^{migo} do pesquisador. Pelo que nos propusemos, este trabalho é apenas um esboço daquele que realmente gostaríamos de escrever.

Sabemos, pelo menos, que um trabalho desta natureza não pode se pretender conclusivo, pois é muito mais um exercício metodológico que se propõe levantar questões para serem amadurecidas e discutidas.

6 - BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Branca Moreira et alli (Grupo Ceres). Espelho de Vênus: identidade social e sexual da mulher, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- ARDAILLON, Danielle e CALDEIRA, Teresa. Mulher: Indivíduo ou Família, Cadernos Novos Estudos CEBRAP nº 04, São Paulo, abril de 1984.
- BASSIT, Ana Zahira et alli (Org.). Identidade: Teoria e Pesquisa, Série Cadernos PUC/SP-20, São Paulo, EDUC, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, Vol. 1: Fatos e Mitos. São Paulo, licença editorial da Ed. Nova Fronteira ao Círculo do Livro, s/d.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção Social da realidade, Coleção Antropologia nº 5, Petrópolis, Vozes, 5ª edição, 1983.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos, São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- ,CASTORIADIS, Cornelius. "A Instituição e o Imaginário: Primeira abordagem", In: A Instituição Imaginária da Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- COELHO, Teixeira. O que é Utopia. Coleção Primeiros Passos nº 12, São Paulo, Brasiliense, 2ª edição, 1981.
- DUVIGNAUD, Jean (Dir.). Imagem, In: A Sociologia: Guia Alfabético, Rio de Janeiro, Forense, 1974.

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese, São Paulo, Perspectiva, 2.^a edição, 1985.
- FRANCHETTO, Bruna et alli. "Antropologia e Feminismo". In: Perspectivas Antropológicas da Mulher 1, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- FROMM, Erich. Conceito Marxista do homem, Rio de Janeiro, Zahar, 8.^a edição, 1983.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia, Petrópolis, Vozes, 1987.
- LAING, R.D. O Eu e os outros, Coleção Psicanálise, Petrópolis, Vozes, 5.^a edição, 1982.
- LANE, Sílvia T. Maurer. O que é Psicologia social, Coleção Primeiros Passos nº 39, São Paulo, Brasiliense, 2.^a edição, 1981.
- LUZ, Madel T. Identidade Masculino-Feminino na sociedade Brasileira urbana atual: crise nas representações. Comunicação feita à Reunião Anual da ANPOCS, Friburgo, outubro de 1982.
- MEAD, Margaret. Macho e Fêmea, Petrópolis, Vozes, 1971.
- . Sexo e Temperamento, São Paulo, Col. Debates, Ed. Perspectiva, 1969.
- MURARO, Rose Marie. Sexualidade da Mulher Brasileira - Corpo e classe social no Brasil, Petrópolis, Vozes, 3.^a edição, 1983.
- MUSZKAT, Malvina. "A mulher em busca da sua identidade". In: Identidade Feminina (MUSZKAT, Malvina e SEABNA, Zelita), Petrópolis, Vozes, 1985.

- QUIROGA, Ana Maria. A família operária e a reprodução da força de trabalho, Petrópolis, Vozes, 1982.
- ROCHA PITTA, Danielle Perin (Org.). O Imaginário e a simbologia da passagem. Anais do II Ciclo de Estudos sobre o Imaginário, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1984.
- ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Louise (coord.). A Mulher, a Cultura, a Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- TUCKER, Patrícia e MONEY, John. Os papéis sexuais, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- VELHO, Gilberto. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- WRIGHT MILLS, C. A imaginação sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 4.^a edição, 1975.
- ZALUAR, Alba. "O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva". In: A máquina e a revolta, São Paulo, Brasiliense, 1985.

ANEXOS

ANEXO 1

1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A - DADOS PESSOAIS:

- nome;
- idade;
- naturalidade (origem);
- estado civil/filhos;
- curso/área.

B - BIOGRAFIA:

- infância, família, brincadeiras, escola;
- puberdade, adolescência, descoberta do corpo;
- menstruação;
- namoros, iniciação sexual;
- virgindade/defloramento;
- desejo (prazer, orgasmo, masturbação, relação sexual);
- casamento;
- contracepção, aborto;
- maternidade (gravidez, parto, amamentação), criação dos filhos, ser mãe/ser pai;
- saúde, doença;
- violência sexual;
- menopausa, velhice.

C - TRABALHO:

- domicílio: se mora com a família; com parceiro(a); só; outros;
- de quê sobrevive;
- trabalho doméstico/trabalho fora de casa;

- profissão;
- significado do trabalho.

D - ESPAÇO POLÍTICO:

- participação em movimentos sociais (estudantil, feminista, partidário, sindical, comunitário, etc.);
- direitos da mulher, políticas de saúde e de planejamento familiar;
- machismo/feminismo.

E - RELIGIÃO:

- filiação e vivência religiosas.

F - REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE:

- o que é ser mulher;
- o que é ser homem;
- vantagens e desvantagens de ser mulher;
- vantagens e desvantagens de ser homem;
- como se sentiu na entrevista.

2 - QUADRO DAS INFORMANTES.

INFORMANTE Nº	TOTAL DE HORAS GRAVADAS	CATEGORIA	IDADE (anos)	ESTADO CIVIL	FILHOS	CURSO
(pré-teste)	1,30 min	estudante	28	casada	-	Letras
(pré-teste)	2,30 min	estudante	25	solteira	-	Comunicação Social
1	3,30 min	estudante	23	casada	1	Ciências Sociais
2	2,30 min	estudante	23	solteira	-	Medicina
3	3,50 min	estudante	21	solteira	-	Odontologia
4	1,50 min	estudante	21	solteira	-	Psicologia
5	1,30 min	estudante	19	solteira	-	Biologia
6	3,50 min	professora	46	casada	-	Pedagogia
7	2,40 min	professora	35	descasada	3	Ciências Sociais
8	4 horas	professora	33	solteira	-	Economia Doméstica
9	2 horas	professora	37	casada	2	Estatística
10	2,50 min	professora	36	casada	-	Biologia.

BH/UFMG